

O CONSERVADORISMO CATÓLICO NA POLÍTICA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ATIVIDADES DA TFP ONTEM E HOJE

*Marcos Paulo dos Reis QUADROS**

RESUMO: Após elaborar um mapeamento sucinto das correntes que formaram historicamente o catolicismo conservador no Brasil, a pesquisa investiga a interferência da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) na vida política do país. Para tanto, vale-se de entrevistas com tefepistas, discute a atuação pública da entidade desde a sua fundação, relacionado-a com o contexto social brasileiro da segunda metade do século XX e enfatizando seu caráter conservador/tradicionista, anticomunista e antimoderno. Ademais, examina a situação atual da TFP no Brasil e a reformulação desencadeada pelo falecimento de Plínio Corrêa de Oliveira, seu fundador e principal ideólogo. Por fim, aborda o papel desempenhado pelos tefepistas nas eleições presidenciais de 2010, cenário amplamente pautado pelo moralismo religioso e pelo proselitismo irradiado de atores ligados a determinadas igrejas.

PALAVRAS-CHAVE: TFP. Conservadorismo católico. Política. Brasil.

Introdução

Organização hermética e paradigmática em múltiplos sentidos, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) encarna um singular reversionismo político-religioso de cunho fundamentalmente antimoderno, o que se verifica mediante análise de seu desenho ideológico e de sua postura no espaço

* Doutorando em Ciências Sociais. PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Porto Alegre – RS – Brasil. 90619-900 – marcosrq@hotmail.com

público brasileiro e internacional. Com efeito, trata-se de um movimento claramente antissistêmico, de estranhamento e confrontação diante dos valores que caracterizam a contemporaneidade ocidental. Assim, a TFP, ao também advogar a manutenção de um catolicismo pré-conciliar e dogmático, reúne boa parte dos elementos que moldam o chamado “ultramontanismo” (CALDEIRA, 2005).

Destarte, o fato de a TFP ter como *locus* embrionário justamente no Brasil – país que, ao menos no senso comum, frequentemente é associado à tolerância e ao sincretismo religioso –, parece oferecer considerável atratividade ao tema. Com base nesse pressuposto, após abordar brevemente os primórdios do catolicismo conservador no Brasil, este artigo examina a atuação da TFP no campo político do país, desde a sua fundação até a eleição presidencial de 2010, momento em que membros da entidade retomam, com algum sucesso, suas ações políticas ostensivas. Para tanto, adotamos como instrumentos de pesquisa duas entrevistas realizadas por este autor com militantes tefepistas¹, além da análise de obras referenciais oriundas da própria TFP ou de pesquisadores interessados pelo assunto.

O conservadorismo católico no Brasil: apontamentos iniciais

Intrinsecamente fundido com as diversas fases da trajetória histórica do Brasil, o catolicismo não raro extrapolou o âmbito estritamente religioso e assumiu protagonismo na cena política do país. Com efeito, se no “achamento” quinhentista as caravelas de Cabral ostentavam a Cruz de Cristo, se durante a era colonial aos jesuítas coube ativa participação (marcada, inclusive, por certa oposição ao projeto mercantilista), o regime de padroado, em vigor durante o Império, manteve a hegemonia católica no Brasil (MARTINS, 2011).

Entronizado como religião oficial pela constituição de 1824, o catolicismo romano mescla-se com as instituições políticas imperiais, nelas interferindo sempre que os interesses ou a doutrina da Igreja estivessem sob ameaça. Não é outro o pano de fundo que assiste ao advento da célebre “Questão Religiosa”, acontecimento que teve como principal personagem o então Bispo de Olinda, D. Vital de Oliveira. Acatando as diretrizes do Papa Pio IX, que através da Bula *Syllabus* proibira aos católicos o ingresso na maçonaria em virtude dos aspectos “heréticos” da entidade, D. Vital, em conjunto com D. Antônio Macedo da Costa, bispo de Belém do Pará, imediatamente faz cumprir o teor da Bula e passa a punir irmandades e fiéis suspeitos de ligações com as Lojas. Em decorrência da ampla penetração do *lobby* maçônico

¹ A pedido dos entrevistados, seus nomes não serão publicados. As entrevistas foram compostas por perguntas semi-estruturadas e ocorreram na cidade de Porto Alegre/RS. Alguns dos dados servirão de base para outra pesquisa e não foram utilizados neste artigo.

nos postos de comando do Estado imperial, Vital é repreendido pelo governo, sendo condenado, ao lado do outro bispo, a quatro anos de reclusão². Combatendo a maçonaria e os primeiros ares de “progressismo”, D. Vital se fez representante da ortodoxia do catolicismo ultramontano e serviria de modelo para a intensa ação de intelectuais que deram nova sistematização ao conservadorismo católico no Brasil do século XX (ARDUINI, 2011).

Como prelúdio deste último movimento, cabe frisar que ainda em 1888 o Pe. Júlio Maria empreende vigorosa ofensiva contra o positivismo e o racionalismo em geral, pressentindo seus efeitos na ordem política brasileira. De fato, estando as academias militares impregnadas pelas receitas comtianas de Benjamim Constant, sentimentos anticlericais e de ojeriza à monarquia cedo ou tarde ganhariam vulto. A evidência de que a ortodoxia de Maria influenciou a geração de trinta anos depois está nas palavras de Jackson de Figueiredo, ícone intelectual do catolicismo conservador (e ultramontano) dos anos de 1920. Para Figueiredo, o Pe. Maria teria sido “[...] um dos primeiros e mais vivos raios dessa luz de esperança, em terra brasileira.”, pois o clérigo seria “[...] o exemplo mais belo dessa invencível misericórdia divina para com os povos em que foi possível alastrar-se o mal agnóstico, a indivisível miséria de um negativismo organizado, paradoxalmente sistemático.” (FIGUEIREDO, 1924, p.149).

Figueiredo funda o Centro D. Vital e a revista *A Ordem*, passando a cooptar segmentos expressivos da elite intelectual católica. Insurge-se como representante da mentalidade contra-revolucionária, antidemocrática e monarquista, denunciadora de filosofias anticristãs que estariam a conspirar nas trevas para aniquilar a Igreja. Ironizando outro inimigo, o bolchevismo, Figueiredo expressa seus valores anticomunistas, ao mesmo tempo em que desaprova energeticamente a própria modernidade: “Nós, católicos de verdade, somos uma ameaça muito mais séria ao mundo moderno do que os mais convictos bolchevistas. O que vale a esse sarapatel de oiro e de lama é que é mais fácil ser bolchevista do que católico de verdade.” (FIGUEIREDO apud CARNEIRO, 1947, p.181).

Ao lado de Figueiredo, pode-se inserir personagens como D. Sebastião Leme, Tasso da Silveira, Pe. Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima³, expoentes importantes do catolicismo conservador no Brasil. Ao lado da natural apologia do catolicismo, o núcleo do pensamento destes atores está no repúdio ao materialismo, ao relativismo

² A pena do bispo seria comutada um ano depois pelo então ministro-chefe Duque de Caxias, liderança do Partido Conservador.

³ Referindo-se a Figueiredo, Amoroso Lima nos diz: “[...] eu confesso que nenhum homem, até hoje, me deu como ele o pressentimento misterioso do que é o homem. E por isso mesmo, talvez, é que a mim, como a tantos outros, foi ele quem mostrou o Caminho de Casa.” (LIMA apud CARNEIRO, 1947, p.168-169).

e à secularização, bem como na negação da *psique* moderna. As palavras de Tasso da Silveira atestam essa afirmação:

O renascimento e o humanismo negaram o homem espiritual, que não pode deixar de ser criador, para afirmar exclusivamente o homem natural, escravo da necessidade. Desdobrada tal negação em suas últimas consequências, o resultado foi esse movimento vertiginoso de devastação a que se acha entregue o nosso velho mundo pecador. Porque o homem, enchendo-se cada vez mais de orgulho, esvaziou-se cada vez mais do sentido do seu destino transcendente. (SILVEIRA, 1935, p.10-11).

Para além das críticas às bandeiras erguidas pela ordem de valores pós-iluministas que suplantou a conformação política medieval, percebe-se a evocação de um passado positivado em que a Igreja desempenhara papel central. Na esteira de tal concepção, Tasso da Silveira considera que “[...] os tempos medievais foram eminentemente religiosos, arrastados que eram pela nostalgia do céu, a qual tornava os povos como que possuídos por uma loucura santa.” (SILVEIRA, 1935, p.11). O juízo do Pe. Leonel Franca não era diferente: “[...] em outras eras, as condições de vida social, mais informadas pelo espírito cristão, respeitavam melhor a hierarquia essencial dos valores humanos.” (FRANCA, 1952, p.80).

A contraproposta do catolicismo conservador brasileiro direcionava-se para a formação de uma **Ação Católica** ampla, atuante e combativa, capaz de influir politicamente para defender os interesses da Igreja. Ainda que os rumos do movimento tenham sido diretamente influenciados pela hierarquia eclesiástica, a Ação Católica brasileira teve como líder um leigo (Amoroso Lima) e contou com respaldo de outros intelectuais importantes (ARDUINI, 2011). Como complemento, o catolicismo conservador brasileiro teve ao seu lado a ativa Liga Eleitoral Católica (LEC), entidade que objetivava, através da orientação dos eleitores/fiéis, eleger representantes comprometidos com os valores da Igreja. A LEC, valendo-se do terreno aplainado pelos movimentos que lhe antecederam, encontra um *locus* fértil à sua expansão e consegue contribuir fortemente para a eleição de deputados que participaram da formatação da Constituição de 1934. Dentre os eleitos, estava o mais jovem e mais votado deputado daquela eleição. Seu nome era Plínio Corrêa de Oliveira, fundador e principal ideólogo da futura TFP.

A TFP no campo político brasileiro

Fundada na cidade de São Paulo em julho de 1960 através da iniciativa de Oliveira, a TFP é uma entidade dirigida por leigos, mas de caráter religioso e indiretamente político. Além da experiência como deputado, Plínio Corrêa de Oliveira pode ser considerado um expoente das então poderosas Congregações Marianas⁴, encampando desde cedo uma posição francamente conservadora na esfera política, sendo tradicionalista sua postura no campo religioso.

Para além do ativismo político-religioso, porém, a trajetória do líder tefepista é marcada pela produção intelectual. De fato, ainda em 1959, Oliveira publica *Revolução e Contra-revolução*, livro que seria a Bíblia doutrinária da futura TFP⁵. Dois anos depois, um gigantesco estudo vem a luz: *Em Defesa da Ação Católica*. O livro denuncia a emergência de uma suposta infiltração comunista nas fileiras da Igreja, e sua postura extremista afasta paulatinamente o autor dos meios eclesiásticos. Oliveira deixa de participar da redação de *O Legionário* (órgão noticioso da Arquidiocese de São Paulo) e, desprovido do beneplácito oficial da Igreja, toma a iniciativa de fundar a TFP com o intuito de dar vazão para suas pregações.

Embora seja inquestionável que a Igreja tenha se esquivado de apoiar Oliveira, alguns de seus prelados seguem mantendo relações estreitas com o futuro líder tefepista. Em 1960, ano de fundação da TFP, Plínio publica *Reforma Agrária, Questão de Consciência*, livro que conta com a colaboração de D. Antônio de Castro Mayer (Bispo de Campos) e de D. Geraldo de Proença Sigaud (Bispo de Jacarezinho). A obra é calorosamente acolhida por grande fatia da elite rural brasileira e a intervenção da TFP no campo estritamente político se inicia. Aglutinando os ruralistas em torno da defesa da propriedade ante a “ameaça comunista e confiscatória” representada pelas propostas reformistas de João Goulart, a TFP revela também que “[...] seu discurso anti agro reformista é permeado por argumentos religiosos.” (ZANOTTO, 2003, p.123), como a evocação dos Dez Mandamentos⁶.

Contudo, os tefepistas expandem sua influência também em direção à classe média urbana. A “decadência da moral cristã” e a “anarquia” que estaria sendo insuflada pelo presidente serviram de bandeiras à entidade, que colaborou para a formação de um *clímax* favorável às tendências politicamente centrífugas e

⁴ Oliveira ingressa na Congregação Mariana de Santa Cecília em 1928, alcançando posições de liderança no movimento.

⁵ Para uma análise das principais teses dessa obra, ver, por exemplo, o trabalho de Caldeira (2005).

⁶ Na concepção do livro, a reforma agrária, ao promover desapropriações, romperia com o sétimo mandamento (“Não roubarás”).

ideologizadas já incubadas na vida política brasileira daquele período. Nesse escopo, nasce a Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade, estopim para a queda do janguismo:

As evidências históricas não indicam uma relação instrumental entre as elites e uma massa contrarrevolucionária. Ao contrário, permitem ver em ação um movimento que é a tradução, na cena política, das aspirações conservadoras das camadas médias tradicionais e do grande empresariado – liderados, nessa conjuntura precisa, pelo “partido” feminino e católico. A Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade esgrime assim, através de conteúdos morais e religiosos (os valores cristãos), a oposição radical – tanto do grande empresariado quanto das próprias camadas médias – ao comunismo e ao populismo (CODATO; OLIVEIRA, 2004, p.280).

A presença da TFP não é menos expressiva no terreno propriamente religioso. Em 1963, a entidade entrega à Santa Sé uma petição para que o Papa e o Concílio, então solenemente reunidos, condenassem expressamente o marxismo, solicitando, em acréscimo, a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria a fim de que aquela nação fosse **libertada** do bolchevismo (o que só seria possível através da intervenção divina⁷). Indeferida a petição, a TFP inicia uma série de proclamações contrárias ao Concílio Vaticano II, que recém finalizado, instituíra, entre outras mudanças significativas, novas regras para a celebração das Missas. Abolindo o rito tradicional tridentino (vigente desde o Concílio de Trento, ministrado em latim e com uma liturgia voltada à introspecção e à centralidade da figura do padre na evocação de Deus), o novo *Ordo Missae*, em língua vulgar e mais participativo, é severamente questionado pela TFP desde então. Ainda que o excelente trabalho de Caldeira (2011) evidencie que a oposição às ideias do Concílio encontrava adeptos em diferentes segmentos do conservadorismo católico brasileiro, os tefepistas constituíram um grupo especialmente radical. De acordo com um dos nossos entrevistados,

Nós (os militantes da TFP) sempre criticamos e sempre vamos criticar essa tal nova Missa e as propostas do Concílio. Foi uma iniciativa dos comunistas que se infiltraram no clero de Deus, isso aí já é provado. No rito tridentino, que é o único verdadeiro, a gente podia sentir a presença de Nosso Senhor, porque tudo se baseava no respeito a Ele e na tradição da Igreja. Mas nessa Missa

⁷ O argumento se sustenta na ideia de que a própria Virgem Maria, durante suas aparições em Fátima (1917), teria solicitado a Consagração da Rússia (CAMPOS FILHO, 1980). Segundo relatos, Maria teria dito que “A Rússia espalhará seus erros pelo mundo”, em alusão ao regime implantado após o triunfo da revolução bolchevista.

moderna a gente se sente em uma assembleia de condomínio. Pra começar, o padre fica de frente pro público e de costas para Nosso Senhor. É um absurdo! É uma bagunça total, cheio de gritaria, parece culto protestante. Toda a beleza antiga se perdeu [...]. Hoje em dia, só entro na igreja pra me confessar ou pra rezar sozinho, quando não tem ninguém [...]. É triste dizer, mas acho que é até pecado participar disso aí.

De fato, nas palavras de Plínio Corrêa de Oliveira, o Concílio Vaticano II surge “[...] como uma das maiores calamidades, se não a maior da história da Igreja. A partir dele penetrou na Igreja, em proporções impensáveis, a fumaça de Satanás, que se vai dilatando dia a dia mais.” (OLIVEIRA 1998, p.168). Tais fatos teriam gestado, na linguagem da TFP, o “processo de autodemolição” que paulatinamente levou a instituição católica à crise que lhe assolaria atualmente.

Já em 1966, a TFP inicia suas famosas campanhas publicitárias e suas caravanas. Portando estandartes rubros, os militantes saem em marcha pelas ruas para protestar contra o projeto de legalização do divórcio que estava sendo preparado pela Câmara dos Deputados: foram colhidas mais de um milhão de assinaturas no documento de repúdio proposto pela entidade (ZANOTTO, 2003). Vários manifestos são publicados nos principais jornais do Brasil e a TFP, mais adiante, distribui quinhentas mil cópias da carta aberta escrita por Oliveira, intitulada *O Arcebispo Vermelho Abre as Portas da América e do Mundo para o Comunismo* (em alusão ao Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara). Em 1968, a TFP promove abaixo-assinado “[...] pedindo a Paulo VI medidas eficazes contra a infiltração comunista em meios Católicos.” (CAMPOS FILHO, 1980, p.39). Teriam sido recolhidas 1.600.368 assinaturas em 229 cidades brasileiras, fato que exprime a pujança das atividades da entidade e a reverberação dos seus apelos conservadores na sociedade brasileira daquele período.

Em 1969, transitando no ambiente conturbado pela luta armada, uma das sedes da TFP na cidade de São Paulo é alvo de um ataque à bomba. O fato assume valor altamente simbólico, uma vez que em meio às ruínas da construção teria subsistido intacta uma imagem da Virgem Maria, o que é visto como milagroso por muitos militantes:

Os anos 60 se fechariam com chave de ouro para a TFP. Quando mãos terroristas estouraram uma bomba na sede da rua Martim Francisco em SP, imaginavam estar vibrando contra a entidade um golpe rude e intimidador. Na realidade, a Providência se serviria do fato para constituir pouco depois – precisamente naquele local – um foco de graças. No dia 18 de novembro de 1969, a TFP ali inaugurou o oratório de Nossa Senhora da Conceição, Vítima dos Terroristas,

expondo à veneração do público a imagem da Virgem que fora atingida pela bomba. [...] E aumenta sempre mais o número de pessoas que recebem graças por intermédio daquela imagem. [...] A partir de 1º de maio de 1970, os sócios e cooperadores da TFP deram início a uma vigília diante deste oratório, que se estende das 18 horas de um dia até às 8 horas do dia seguinte. Ao longo dessa vigília, feita todos os dias do ano, eles rezam pela Igreja, pelo Brasil, por todas as pessoas visadas pela violência ou pela guerra psicológica comunista. (CAMPOS FILHO, 1980, p.200-201).

Como se percebe, este fato inaugura a visão martirológica da TFP. O acontecimento parece ter promovido maior coesão entre os militantes: “[...] eles vieram nos agredir e contamos com um milagre de Nosso Senhor pra nos consolar.”, comenta um entrevistado, acrescentando que “[...] naquele momento eu não tive mais qualquer dúvida de que a nossa causa era sagrada.” Para além dessa questão, haveria o enriquecimento do viés martirológico através do messianismo em torno da figura de Oliveira, um híbrido de profeta, tribuno e doutrinador, que para usarmos a terminologia weberiana, promoveu uma típica “dominação carismática” em seus discípulos (WEBER, 2000, p.303)⁸.

Na década de 1970, a ação tefepista mantém-se voltada para o combate ao comunismo. Não satisfeita com a repressão empreendida pelo regime militar brasileiro contra as facções de esquerda, a entidade denuncia o arrefecimento da luta em decorrência do aparente esvaziamento dos movimentos revolucionários durante o chamado “Milagre Econômico”. Assim, “burgueses picados pela mosca da fobia ao anticomunismo” teriam relaxado em suas precauções, sob embasamento “[...] na errada afirmação de que o problema comunista seja sobretudo econômico, e não principalmente moral e religioso.” (CAMPOS FILHO, 1980, p.212). Cumpriria à TFP, por sua vez, alertar que “[...] os agitadores vermelhos, reduzidos de momento a uma atuação sorrateira, estavam mais ativos do que nunca.” (CAMPOS FILHO, 1980, p.212).

No plano internacional, a entidade mobiliza-se contra a política conhecida como *Ostpolitik*, que consistia em uma estratégia de distensão das relações diplomáticas do ocidente com os países da Cortina de Ferro, objetivando o amortecimento do perigo atômico e a construção de uma agenda comum capaz de minimizar os efeitos da polarização ideológica característica da Guerra Fria. No momento em que o próprio Vaticano parecia tender a abraçar tais iniciativas, a TFP reage energicamente, declarando-se em **estado de resistência** diante das atitudes

⁸ Na esteira dessa assertiva, Zanotto (2007, p.198) refere-se ao sentimento dos militantes tefepistas diante de Oliveira como “uma admiração fanatizada ao líder”.

do papa Paulo VI. De acordo com um dos entrevistados “naquele momento, nós tivemos que ‘bater o pé’, porque era a civilização cristã que estava em jogo”. Este talvez tenha sido o momento mais delicado vivido pela entidade no que diz respeito a seu relacionamento com a Igreja e a alta hierarquia eclesiástica.

Entre o Cisma e a Submissão

Com efeito, a TFP manteve, desde a sua gênese, uma postura bastante crítica em relação às orientações ditadas pela cúpula vaticana. Primeiramente, no que concerne ao campo político, tendeu a somar-se às correntes ultraconservadoras, empreendendo combate encarniçado ao comunismo e a todo e qualquer movimento de inclinação esquerdista ou mesmo liberal. Já em relação à doutrina religiosa, pode-se assinalar que a TFP defendeu reiteradamente a primazia do catolicismo pré-conciliar, avesso ao ecumenismo e ao diálogo com as influências emanadas dos valores seculares do ocidente moderno. Se no primeiro aspecto, o político, a doutrina tefepista chocou-se contra o *aggiornamento* e seu influxo em boa parte do alto clero (sobretudo em face da postura de Paulo VI), no segundo ponto, o religioso, a entidade produziu uma reação violenta tanto em relação ao progressismo do Concílio Vaticano II quanto em face das manobras ecumênicas empreendidas por João Paulo II.

Não obstante esses entrechoques, a TFP preocupou-se em manter alguma legitimidade perante o clero, procurando afastar-se das correntes abertamente cismáticas. Assim, jamais manteve qualquer ligação oficial, por exemplo, com a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, comandada pelo polêmico cardeal Lefebvre. Embora imbuídos de uma ideologia ultramontana e antimoderna bastante similar àquela elaborada pela TFP, os lefebvristas intensificaram os desafios ao Vaticano, a ponto de desobedecer as ordens papais, fato que, juntamente com a ordenação paralela de bispos, levou à excomunhão do cardeal e de seus colaboradores. Ademais, outras correntes tradicionalistas não encontraram abrigo na TFP, como é o caso dos “vacantistas”, que negam a legitimidade de todos os papas entronizados depois de Pio XII. Contrária a esses procedimentos, a TFP preferiu, ao menos publicamente, não a desobediência, mas a **resistência**. Sobre esse tema, a entidade proclama em um documento, citado por Pedriali (1985, p.141):

O vínculo de obediência ao Sucessor de Pedro, jamais o romperemos. [...] A ele tributamos o melhor de nosso amor. Esse vínculo, nós osculamos no momento mesmo em que, triturados pela dor, afirmamos a nossa posição. E de joelhos, fitando com veneração a figura de Sua Santidade o Papa Paulo VI, nós lhe

manifestamos toda a nossa fidelidade. [...] Mandai-nos o que quiserdes. Só não mandeis que cruzemos os braços diante do lobo vermelho que investe. A isto nossa consciência nos opõe.

É verdade que tais precauções jamais proporcionaram à TFP qualquer reconhecimento formal vindo do Vaticano. Ao invés de incentivos ou censuras manifestas, os altos dirigentes da Igreja reiteradamente optaram pelo silêncio. Porém, o fato é que a TFP teve habilidade suficiente para criticar duramente o papado em inúmeras circunstâncias sem que seus atos tenham merecido a mordacura perene da excomunhão. Este pormenor é frisado por um entrevistado:

O abstencionismo do Vaticano em relação à TFP não foi tão dramático pra gente, isso se o senhor considerar que ele proporcionou a conservação do nosso catolicismo autêntico. Não foi preciso colocar uma mácula sequer na doutrina que foi revelada a nós pelo Dr. Plínio. Então, dá pra entender que o silêncio dos papas significa um apoio tácito, e isso é uma coisa que nos dá satisfação.

Contudo, outros autores asseveram que a ideologia corrente no interior da TFP seria o vacantismo, ao contrário da posição de “resistência” que se verifica no discurso externo:

Os papas, depois de Pio X, estariam todos sujeitos às injunções da judeu-maçonaria, deixando de representar o espírito da verdadeira Igreja [...]. É a pretexto de mostrar ao clero atrelado aos interesses da judeu-maçonaria, aos interesses da revolução, que Plínio se arvora em único procurador de Deus para a defesa da civilização católica, e é por isso que criou a TFP. (FOLENA, 1987, p.75).

A TFP no Brasil contemporâneo

A TFP entra no último decênio do século XXI sob forte impacto da morte de seu fundador e mentor, ocorrida em 1995. O falecimento de Oliveira desencadeia um fracionamento violentíssimo na estrutura da entidade. Um grupo de militantes, liderados por um dos membros mais eminentes da hierarquia tefepista, João Clá Dias, passa a questionar internamente a condução da sucessão de Oliveira. O atrito daí decorrente exacerba-se e o contencioso é levado às instâncias judiciais, sendo definido em favor dos revoltosos ligados à Dias. Desde então, esse grupo legalmente usufrui de praticamente todos os bens da entidade no Brasil, e a própria sigla **TFP**

só por eles pode ser utilizada em território brasileiro⁹. Os derrotados, entre os quais estão praticamente todos os militantes mais antigos e ortodoxos¹⁰, fundam, em 2004, a Associação dos Sócios Fundadores da TFP, sob a liderança de Plínio Vidigal Xavier da Silveira¹¹.

É interessante assinalar que os membros que na atualidade respondem legalmente pela TFP passaram a promover uma série de alterações na concepção doutrinária da entidade, de modo a torná-la mais palatável e adaptada aos novos tempos. Essa atitude de fato apresentou resultados: Dias e outros homens de sua cúpula são sagrados sacerdotes pelo Papa e uma espécie de ordem monástica da antiga TFP, os Arautos do Evangelho, é reconhecida pela Igreja como legítima instituição do clero religioso, apta, inclusive, a formar pretendentes à vida monacal¹². Merece relevo este acontecimento, uma vez que jamais o Vaticano havia adotado postura similar no que se refere às demandas da entidade antes da ruptura desencadeada por Clá Dias.

A despeito de tais reveses e do esgotamento crescente de suas fontes de financiamento, os sócio-fundadores (também chamados internamente de “proyectos”) reavivam seu protagonismo político em pleno ano de 2010. Para além de uma conjuntura mais ou menos polarizada entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), as eleições ocorridas naquele ano explicitaram a emergência de um debate que transcende as temáticas eminentemente políticas, transformadas que foram pela pauta imposta por instituições religiosas (ORO; MARIANO, 2011).

Neste contexto, a TFP (na verdade seus sócio-fundadores), após longos anos de relativo ostracismo, novamente procura interferir na política brasileira. Embora menos estrondoso do que as marchas e caravanas do passado, o movimento tefepista foi eficiente. A ação teve lugar em uma reunião realizada pela cúpula do PSDB em Brasília (6 de outubro de 2010). Naquele evento, membros da já referida Associação dos Sócios Fundadores da TFP distribuíram um panfleto contendo críticas veementes à então candidata do PT e ao III Plano Nacional dos Direitos Humanos que estava sendo formatado pelo governo. O documento afirma:

⁹ As diversas sedes, propriedades, símbolos e instrumentos de proselitismo/propaganda da TFP (com exceção da revista mensal *Catolicismo*) passaram às mãos do grupo de Dias. Nos demais países, a TFP manteve seu *status* original.

¹⁰ Informação colhida do depoimento de um dos nossos entrevistados.

¹¹ No bojo deste movimento, em 2006 o mesmo grupo fundaria o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, presidido por Adolpho Lindenberg.

¹² É curioso que os Arautos tenham sido protagonistas em uma missa celebrada pelo Papa Bento XVI no Brasil. Ocorrida no ano de 2007, a cerimônia marcou a canonização do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão.

O PNDH-3 é um projeto de lei que tem por objetivo implantar em nossas leis a legalização do aborto, acabar com o direito da propriedade privada, limitar a liberdade religiosa, perseguir cristãos, legalizar a prostituição (e onde fica a dignidade dessas mulheres?), manipular e controlar os meios de comunicação, acabar com a liberdade de imprensa, taxas sobre fortunas (o que acabará com investimentos), dentre outros. É um decreto preparatório para um regime ditatorial¹³.

Ainda que as circunstâncias que permitiram a presença de tefepistas no evento tucano não tenham sido devidamente aclaradas, o fato veio a público através do jornalista Fernando Rodrigues, e a campanha do candidato José Serra passou a ser associada também às demandas da TFP. Com efeito, em decorrência de um cenário fortemente influenciado pelo moralismo religioso, as afirmações do citado panfleto encontraram eco na campanha.

Nesse sentido, a ação desenvolvida por atores ligados à Igreja Católica e a diversas igrejas pentecostais em torno de questões como a (des)criminalização do aborto produziu amplo impacto na opinião pública, reorientando as estratégias de campanha dos principais candidatos (PIERUCCI, 2011). Na transição do primeiro para o segundo turno das eleições, a candidata petista, Dilma Rousseff, viu-se envolvida em uma polêmica alimentada por suas declarações pretéritas em favor da prática do aborto. Este fato foi instrumentalizado politicamente por entidades como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Frente Parlamentar Evangélica (FPE). A corrente se expandiu através do proselitismo público de inúmeros padres e pastores. Tais iniciativas promoveram mudanças significativas tanto no discurso de Rousseff (que passou a se autoproclamar “defensora da vida”) como no de seu adversário José Serra (que passou a se identificar como “cristão” e “do bem”).

A conformação imediata das estratégias políticas dos principais candidatos à presidência da República e, por consequência, dos seus respectivos partidos, à pauta construída pelo campo religioso justifica-se não apenas pela aderência dos valores religiosos no eleitorado, mas também em decorrência da expressividade da bancada evangélica na composição das últimas legislaturas no Congresso Nacional¹⁴.

Dados como estes nos permitem inferir que haveria no Brasil contemporâneo um processo de tentativa de colonização do campo político, movimento que é protagonizado por algumas forças religiosas moralmente conservadoras. A

¹³ Conforme divulgado em <http://uolpolitica.blog.uol.com.br/arch2010-10-03_2010-10-09.html>.

¹⁴ Somados os parlamentares evangélicos aos cerca de 21 legisladores identificados organicamente com o catolicismo, a bancada religiosa englobaria atualmente 94 membros (ou 15,82% dos assentos disponíveis no Congresso Nacional).

inserção da velha TFP nesse processo reflete que a entidade permanece ativa e ideologicamente definida, apesar do enfraquecimento derivado dos episódios ocorridos após a morte de Plínio Corrêa de Oliveira. Além disso, o ativismo político dos militantes tradicionais (os “proyectos”) no pleito de 2010 denuncia que determinados apelos de seu discurso conservador seguem conseguindo influenciar parcelas importantes da sociedade brasileira, contaminando inclusive os mais importantes momentos políticos enfrentados pelo Brasil na atualidade.

Considerações Finais

A partir dos tópicos analisados anteriormente, podemos sublinhar que a TFP encarna um típico reversionismo religioso, que além de alimentar um *ethos* pré-moderno, é intrinsecamente antimoderno. Ao afrontar a secularização presente em muitos espaços da sociedade atual, a TFP se sustenta na afirmação de um catolicismo bastante ortodoxo, o que reflete um profundo estranhamento ante certos valores hoje em vigor no ocidente. Por meio das entrevistas realizadas com dois militantes tefepistas, essa percepção ficou evidente.

Atuando constantemente na política brasileira, a TFP insere-se como descendente do catolicismo conservador que teve em movimentos como a Ação Católica e em intelectuais como Jackson de Figueiredo seus grandes porta-vozes no passado. De fato, entre as críticas reiteradas aos setores **progressistas** da Igreja Católica e a propaganda estritamente política, a entidade mostrou-se atuante nos principais debates político-ideológicos realizados no Brasil, especialmente durante as décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, a exemplo de Zanotto, “[...] consideramos que a eficácia da TFP resultou da utilização de um imaginário contrarrevolucionário difundido e vivido intensamente tanto pelos seus membros, quanto por parcela significativa da sociedade brasileira pelo menos até o período da Guerra Fria.” (ZANOTTO, 2007, p.152).

Porém, além da exaustão da lógica do embate ideológico recrudescido que norteou a Guerra Fria, constata-se que fatos como a morte de Plínio Corrêa de Oliveira e a celeuma que envolveu sua sucessão desencadearam uma fragilização da entidade, que dividida, perdeu o protagonismo de outrora. Aparentemente ressentindo-se do escasseamento de suas fontes de financiamento e carente de um contingente expressivo de novos adeptos/militantes, a TFP vive atualmente seu momento mais dramático no Brasil.

A despeito disso, a entidade parece ter se esmerado para contornar tais adversidades e mesmo as inúmeras restrições historicamente postas diante de seu discurso. Para tanto, foi preciso adaptar-se ao ambiente brasileiro dos dias que

correm. Um ambiente político que, ao menos nas eleições de 2010, foi propício, porque marcado pela ação de movimentos religiosos conservadores. Assim, ao lado de pastores evangélicos, de facções partidárias e da bancada religiosa, perfilou-se a TFP. Após anos de ostracismo, este velho ator ressurge para tentar oferecer novo fôlego ao conservadorismo brasileiro.

**THE CATHOLIC CONSERVATISM IN THE BRAZILIAN
POLITICS: CONSIDERATIONS ON THE ACTIVITIES
OF TFP FROM THE PAST TO THE PRESENT**

ABSTRACT: *After developing a brief mapping of the currents that have historically formed the conservative Catholicism in Brazil, this research investigates the influence of the Brazilian Society for the Defense of Tradition, Family and Property (TFP) in the country political. For the purpose of this, the present research relies on interviews with activists of the TFP, discusses the political activities of the organization since its foundation by relating it to the Brazilian social context of the second half of the twentieth century and by emphasizing its conservative/traditionalist character, anti-Communist and anti-modern. Furthermore, the research examines the current state of TFP in Brazil and its recasting started by the death of Plínio Corrêa de Oliveira, founder and chief ideologue of the institution. Finally, the article approaches the role played by the “tefepistas” in 2010 presidential elections, a scenario widely influenced by religious morality and the proselytism provided by actors linked to some churches.*

KEYWORDS: *TFP. Catholic conservatism. Politics. Brazil.*

Referências

ARDUINI, G. De Júlio Maria à ação católica: contribuições para a história do laicato católico brasileiro (1900-1947). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

CARNEIRO, J. F. **Catolicismo, revolução e reação**. Rio de Janeiro: AGIR, 1947.

CALDEIRA, R. C. **Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

_____. **O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira.** 2005. 183p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

CAMPOS FILHO, A. de O. **Meio século de epopéia anticomunista.** São Paulo: Ed. Vera Cruz, 1980.

CODATO, A. N.; OLIVEIRA, M. R. A marcha e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.24, n.47, p.271-302, 2004.

FIGUEIREDO, J. **Literatura reacionária.** Rio de Janeiro: Edição do Centro D. Vital, 1924.

FOLENA, G. **Escravos do profeta.** São Paulo: EMW Editores, 1987.

FRANCA, L. **A psicologia da fé.** Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

MARTINS, P. C. M. Padroado Régio do auge do Império Brasileiro. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v.3, n.9, 2011. Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/04.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

OLIVEIRA, P. C. **Revolução e contra-revolução.** São Paulo: Artpress, 1998.

ORO, A.; MARIANO, R. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. **Debates do NER**, Porto Alegre, v.10, n.16, p.9-34, 2011.

PEDRIALI, J. A. **Guerreiros da virgem:** a vida secreta na TFP. São Paulo: EMW Editores, 1985.

PIERUCCI, A. F. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.89, p.5-15, 2011.

SILVEIRA, T. da. **Tendências do pensamento contemporâneo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

WEBER, M. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. da UNB, 2000.

ZANOTTO, G. **Tradição, família e propriedade (TFP):** as idiossincrasias de um movimento católico (1966-1995). 2007. 294f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. **É o caos!** a luta anti agro-reformista de Plínio Corrêa de Oliveira. 2003. 159f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Recebido em 15/08/2012

Aprovado em 19/12/2012